



“NÓS NÃO PRESTAMOS JURAMENTO ÀS PALAVRAS DE SANTO TOMÁS” – FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS O.S.B. (1715–1800) E A REJEIÇÃO DA DOCTRINA TOMISTA DA MATÉRIA *

“We Did not Take an Oath on the Words of Saint Thomas” – Friar Gaspar da Madre de Deus OSB (1715–1800) and the Rejection of the Thomistic Doctrine of Matter

Roberto Hofmeister Pich **

Resumo: Neste artigo, investiga-se um conteúdo central da filosofia da natureza de Frei Gaspar da Madre de Deus O.S.B. (1715–1800), o autor da *Philosophia platonica seu cursus philosophicus*, finalizada em 1748, no Rio de Janeiro. Trata-se da doutrina da matéria prima, que recebe uma abordagem “metafísica” e uma abordagem “física”. Fisicamente, Frei Gaspar adota o atomismo de Pierre Gassendi. Embora ele permita um relato “metafísico” da matéria prima, Frei Gaspar claramente rejeita a doutrina tomista predominante. Ao descrever e analisar a rejeição da visão tomista da matéria prima, por Frei Gaspar, o presente artigo lança novas luzes sobre as características da filosofia escolástica no Brasil Colonial, em sua fase tardia de desenvolvimento. Tratava-se de um escolasticismo eclético, que podia ser crítico à filosofia dominante anterior e aberto a novas tendências em filosofia da natureza e metafísica, forçadas por desenvolvimentos na física moderna.

Palavras-chave: Frei Gaspar da Madre de Deus OSB. Filosofia no Brasil Colonial. Matéria. Forma. Filosofia da natureza.

* Artigo recebido em 16.07.2026 e aprovado para publicação em 13.08.2026.

** Doutor em Filosofia pela Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn, Alemanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5770-3522> E-mail para contato: roberto.pich@pucrs.br

Abstract: In this article, we investigate a subject central to the philosophy of nature of Friar Gaspar da Madre de Deus OSB (1715–1800), the author of *Philosophia platonica seu cursus philosophicus*, finished 1748, in Rio de Janeiro. This is the doctrine of prime matter, which receives a “metaphysical” and a “physical” treatment. “Physically”, Friar Gaspar endorses Pierre Gassendi’s atomism. Though he allows for a “metaphysical” account of prime matter, Frei Gaspar clearly rejects the Thomistic mainstream doctrine. By describing and analysing Frei Gaspar’s rejection of the Thomistic view of prime matter, the present article sheds new light on the features of scholastic philosophy in Colonial Brazil, in its late phase of development. It was an eclectic scholasticism, which could be critical to previous mainstream philosophy and open to new trends in natural philosophy and metaphysics which were pressed by developments in modern physics.

Keywords: Friar Gaspar da Madre de Deus OSB. Philosophy in Colonial Brazil. Matter. Form. Philosophy of nature.

Introdução

Nos cursos escolásticos pré-modernos e modernos de filosofia da natureza, em regra explana-se muito sobre matéria e forma. Em se tratando do curso filosófico de Frei Gaspar da Madre de Deus O.S.B. (1715–1800), a saber, *Philosophia platonica seu cursus philosophicus, rationalem, naturalem et transnaturalem philosophiam, sive Logicam, Physicam et Metaphysicam, complectens*,¹ a exposição sobre matéria e forma, que consta na Primeira Parte da *Physica*, precisa ser descrita e analisada com destaque – justamente porque a doutrina proposta foge à regra. As posições teóricas de Frei Gaspar sobre a matéria prima escancaram o seu distanciamento para com versões da escolástica matizadas pelo tomismo – nisso, aparece o seu ecletismo filosófico, independentemente de sua adoção de um tipo de “platonismo” com respeito ao status real dos “universais” (sobre isso, cf. PICH, 2023, p. 425-493).

Gaspar da Madre de Deus é um autor chave daquilo que começa a ser chamado de “escolástica beneditina” brasileira.² A caracterização dessa tem justamente na obra de Frei Gaspar o carro-chefe.³ A *Philosophia platonica*,

¹ O título pode ser assim traduzido: “Filosofia Platônica ou curso filosófico, que compreende a filosofia racional, natural e transnatural, ou Lógica, Física e Metafísica”.

² Sobre a filosofia no Brasil, no período colonial, cf. JAIME, 1997, p. 47-99; MARGUTTI, 2013, p. 169-364. Cf. também DOMINGUES, 2017, p. 69-206; MARQUES, 2023, p. 521-560.

³ Cf. GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica seu cursus philosophicus, rationalem, naturalem, et transnaturalem philosophiam sive logicam, physicam et metaphysicam complectens*, Fluvius Januariensis: Biblioteca do Mosteiro de São Bento em São Paulo, 1748, Tractatus Primus – De Logica sive Philosophia Rationali, p. 1 – p. 454, e [Tractatus Secundus – De Physica sive Philosophia Naturali], p. 1* – p. 358.

como preservada, contém a *Lógica* ou *Filosofia racional* e a *Física* ou *Filosofia natural* (PICH, 2022, p. 93-118; PICH, 2025, p. 161-185)⁴ – se foi escrita a *Metafísica* ou a *Filosofia transnatural*, não foi conservada.⁵ Da *Filosofia da natureza*, o Segundo Tratado do *Curso filosófico* de Frei Gaspar, restou um manuscrito de 358 páginas,⁶ que, como a *Filosofia racional*, é espelho de sua docência em filosofia, no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, aparentemente de 1743 a 1748. Em geral, a *Filosofia da natureza* ainda é guiada pela *Física* de Aristóteles. Contudo, a abordagem de Frei Gaspar é tanto seletiva quanto diferente: a sua exposição enfoca apenas os temas centrais dos Livros I e II da *Física* de Aristóteles.⁷ Além disso, há muitas inserções de assuntos fora do escopo da obra do Estagirita, sejam eles tópicos remodelados pelas disputas entre as “escolas” medievais,⁸ sejam eles temas novos, da escolástica barroca.

O Livro I da *Filosofia natural* de Frei Gaspar, que trata dos princípios dos entes naturais, isto é, aqueles que explanam a mudança do ponto de vista intrínseco das coisas da natureza, contempla cinco temas gerais (colados aos títulos dos seus capítulos):⁹ (i) “os princípios intrínsecos do corpo natural”; (ii) “a matéria prima tomada no modo abstrato e metafísico de falar”; (iii) “a matéria prima considerada fisicamente”; (iv) “a forma”; (v) “o composto físico”, que, substancialmente, permite considerar matéria, forma e união como princípios – em que a “união” é princípio intrínseco *ut quo* do corpo natural, ao passo que matéria e forma são princípios intrínsecos *ut quod*.¹⁰ O Livro II, que trata “das causas”, ocupa o restante do curso. Ele se divide em duas Partes, uma “Sobre as causas em comum”, outra “Sobre as causas em particular”. Na Primeira Parte, disserta-se sobre a essência da causa e as suas condições.¹¹ Na Segunda Parte, ao tratar

⁴ Sobre a *Lógica* de Frei Gaspar, cf. também BORIN, 2025. Cf. ainda MATTOS, 1970, p. 222-225; MATTOS, 1972, p. 70-86.

⁵ Sobre o *cursus philosophicus* na escolástica pré-moderna e moderna, cf. TRENTMAN, 1982, p. 818-837; LEINSLE, 1988, p. 54-69.

⁶ Para uma descrição do mesmo, cf. PICH, 2025, p. 165-182.

⁷ Frei Gaspar aceita a ideia aristotélica de que a natureza é e existe segundo princípios de movimento e mudança, de modo que é parte fundamental do estudo desse domínio entender o que é a mudança e o que são coisas mutáveis. Isso traz consigo a investigação da constituição *metafísica* dos entes naturais. Sobre a *Física* de Aristóteles, cf. HÖFFE, 2006, p. 108-116. Sobre os Livros I e II da *Física*, cf. LEWIS, 2009, p. 162-185.

⁸ Sobre isso, tendo como pano de fundo a caracterização dos cursos de filosofia da natureza em Nova Granada (Colômbia), cf. LÉRTORA MENDOZA, 1995, p. 10-31. Cf. ainda PICH, 2025, p. 1039-1060.

⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* – [Tractatus Secundus – De Physica sive Philosophia Naturali], l. 1, c. 1-5, p. 1-187. A partir daqui, abrevia-se *Philosophia platonica* [Physica]...

¹⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 5, prop. 2, p. 152-187. Na esmiudada “Quarta questão”, ele examina “Se a união é realmente distinta da matéria e da forma” (p. 169-187) – estritamente falando, não há distinção real entre composto matéria-e-forma e “união”. GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 5, prop. 2, q. 4, p. 169-187.

¹¹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 2, p. 1-2, p. 188-358. Sobre o tema da causalidade na escolástica barroca, cf. FINK (ed.), 2015; CAPRIATI, 2020, p. 111-139.

“das causas em particular”, Frei Gaspar segue a ordem aristotélica de causa “material”, “formal”, “eficiente” e “final”, expondo ainda a “causa exemplar”. Destaca-se o longo tratamento da causa eficiente, no Capítulo 3.¹² Ele encerra, a propósito, na “Nona proposição – Sobre a determinação da causa primeira e da [causa] segunda”,¹³ uma discussão tardia sobre a relação entre providência, causalidade (incluindo a causalidade que tem como efeito a graça salvífica) e presciência divinas e a liberdade dos atos que têm origem causal na vontade humana. Frei Gaspar retoma, na questão “Se Deus pré-determina a causa livre para operar”,¹⁴ aspectos do antigo debate sobre a *scientia media*, disparado por Luis de Molina S.J. (1535–1600) (FREDDOSO, 1988, p. 1-81; FLINT, 1998), no fim do século 16.

Já a leitura do Livro I da *Filosofia natural* de Frei Gaspar permite perceber inovações em suas doutrinas. Na exposição dos princípios constitutivos do ente natural, ganha relevo a teoria da matéria prima. Frei Gaspar propõe uma divisão de abordagens, isto é, (a) em termos “metafísicos” e (b) em termos “físicos” – a divisão já se verificava em escolásticos do século 17 (ÅKERLUND, 2025, p. 41-60), mas ela serve agora para que o autor ingresse de modo decidido em um território de novas teorias. Esse passo representa um modernismo. Ora, no Capítulo 2, em onze proposições, abundam questões metafísicas sobre a matéria prima. Em síntese, quer-se saber se e como ela existe, qual é a sua essência ou definição, quais são as suas propriedades e quais são os seus subtipos.¹⁵ Mas há também um tratamento puramente físico da matéria prima, e ele separa Frei Gaspar da filosofia da natureza aristotélica. Nas cinco proposições do Capítulo 3, ele revela a sua teoria atomista. Fisicamente, a matéria prima ou o primeiro substrato de todo ente corpóreo é equivalente a átomos. Isso significa que a matéria prima não deve ser entendida como consistindo de “todos” ou de “alguns dos elementos vulgares” aventados já pelos filósofos pré-socráticos,¹⁶ tampouco consiste ela em “princípios químicos”.¹⁷ A matéria prima da física de Frei Gaspar também “não consiste nos elementos de Descartes”, que foi, a propósito, um ferrenho opositor do *atomismo* clássico e moderno, bem como da teoria do vácuo (GARBER, 1992 (repr. 1999), p. 292-303).¹⁸ Marcados esses distanciamentos, lê-se, na “Quinta proposição – Se a matéria prima consiste em átomos” – do Capítulo 3 do Livro I –, que, em termos físicos, Frei Gaspar se vincula, positivamente, aos atomistas,¹⁹ tanto antigos como recentes (com ostensiva associação a Pierre Gassendi

¹² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 2, p. 2, c. 3, p. 236-319.

¹³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 2, p. 2, c. 3, prop. 9, p. 300-319.

¹⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 2, p. 2, c. 3, prop. 9, q. 2, p. 302-314.

¹⁵ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, p. 1-11, p. 5-37.

¹⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 1, p. 37-41.

¹⁷ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 2, p. 41-48 (aqui, p. 41).

¹⁸ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 3, p. 48-52 (aqui, p. 49-50).

¹⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 5, p. 59-71.

(1592–1655),²⁰ autor do *Syntagma philosophicum* (1658),²¹ e com honrosas menções a Emmanuel Maignan (1601–1676) (CEÑAL, 1952, p. 111-149; CEÑAL, 1954, p. 15-68), que veem nos átomos as últimas partículas materiais indivisíveis, dos quais se fazem todas as coisas da natureza, e nos quais todas as coisas naturais se resolvem – e, por isso mesmo, esses átomos ou partículas últimas indivisíveis são a matéria *primeira*.

O objetivo do presente estudo é mostrar o quanto Frei Gaspar se distancia, na exposição metafísica de sua teoria da matéria, de teses-chave do tomismo. A rejeição metafísica da teoria tomista da matéria pode ser compreendida de modo independente da adesão de Frei Gaspar ao atomismo de Gassendi. Entendida essa rejeição teórica, mais se lança luzes sobre o escolasticismo beneditino no século 18 e, no mesmo passo, sobre aquela fase da filosofia escolástica no Brasil colonial. Porém, antes de analisar uma controvérsia central com “os tomistas”, duas considerações devem ser feitas, uma sobre o que é e quais são as limitações da abordagem metafísica da matéria, outra, brevíssima, sobre como a doutrina tomista da matéria prima pode ser, de modo mínimo, distinguida.

1. O tratamento “metafísico” da matéria prima: uma síntese

Na parte metafísica de sua exposição sobre a matéria prima, Frei Gaspar cedo oferece uma definição que, com os devidos ajustes, será mantida também depois, quando da abordagem física. Trata-se de uma definição *real*, que deve expressar o que a matéria prima é. A matéria prima “[...] é o primeiro substrato a partir do qual, em um lugar situado [*in situ*], algo se faz, não por acidente, mas por si [ou: essencialmente]; e [ela] é o último [elemento] em que [algo] se vai quando é corrompido”.²² A definição não é apresentada como aristotélico-peripatética, mas elementos dela voltam quanto Frei Gaspar, na Proposição 4 do Capítulo 3 do Livro I, pronuncia-se sobre a doutrina aristotélica, ao perguntar “se se dá a matéria prima de Aristóteles”. Ele inicia afirmando que “a matéria prima que é em geral

²⁰ Sobre o atomismo em específico e a teoria física de Pierre Gassendi em geral, cf. ROCHOT, 1944; BRUNDELL, 1987.

²¹ Cf. PETRUS GASSENDI, *Opera omnia*, Lugduni: Sumptibus Laurentii Anisson, et Ioan. Bapt. Devenet, Tomus Primus, 1658, *Syntagma Philosophicum*, Pars Secunda (Physica), Sectio Prima – De rebus naturae universe, Liber Tertius de materiali principio, sive materia prima rerum, p. 229-282 (Faksimile-Neudruck der Ausgabe von Lyon 1658 in 6 Bänden, mit einer Einleitung von Tulio Gregory, Stuttgart – Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, Band 1, 1994).

²² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 2, p. 7: “[...]: “primum substratum, ex quo in situ aliquid fit, non per accidens, sed per se; et ultimum in quod abiit cum corrumpitur””.

atribuída a Aristóteles” (a) é uma “entidade” que se distingue realmente da forma, ela (b) é o “primeiro substrato” de tudo o que existe na natureza, isto é, aquilo “a partir do que” (*ex quo*) o ente natural se faz e, portanto, existe em todo ente natural, tal que (c) ela essencialmente existe em todo ente corpóreo como aquele último analisável ao que algo se reduz, se for corrompido. Frei Gaspar tributa a Aristóteles a ideia central de que “a essência da matéria está em que ela seja o primeiro substrato”.²³ Nesse sentido, Francisco Suárez S.J. (1548–1617) ensinaria que “a *ratio* de primeiro substrato está em que a forma se encontra na ou advém à matéria, mas não, porém, o contrário”.²⁴ A ideia geral é clara o bastante: há primeiridade na matéria como princípio intrínseco do composto natural – na ou para a ordem de composição –, porque a matéria, como um fundamento, é receptiva de toda forma; além disso, a sua anterioridade, comparada à forma e à “união”, é também na ordem de inteligibilidade.²⁵

No decorrer da Proposição 4, Frei Gaspar expõe, de forma sintética, “os predicados ou as propriedades” da matéria prima segundo os peripatéticos. Para começar, para Aristóteles e os seus adeptos (i) a matéria prima difere da matéria segunda, porque ela é e tem de ser inteligida como elemento primeiro anterior ao composto, visto que é só a partir dela que há algum composto de matéria e forma substancial, e isso já corresponde à matéria segunda. Assim tomada, a matéria prima é uma “entidade incompleta” realmente distinta da forma.²⁶ (ii) A matéria prima, ademais, não é uma substância composta, ela é uma entidade simples: ela não consta de nada anterior, seja matéria ou forma. (iii) Ela é “ingenerável e incorruptível”.²⁷ (iv) Segundo alguns autores, a matéria prima é de mesma espécie em todos os entes compostos que existem “de fato”, ao passo que outros autores afirmam que ela só é de mesma espécie nos entes compostos sublunares, não cabendo comparação entre a matéria sublunar e a celeste.²⁸ (v) Em quinto lugar, a matéria prima “não tem nenhum contrário”. O motivo disso é que ela “é capaz de receber todas as formas”, ela por essência não se opõe a nenhuma determinação formal. Segue-se disso que, porque nenhuma forma é contrária à matéria, nenhum acidente é, então, contrário

²³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 52: “Unde huiusmodi materiae essentia stat in eo quod sit primum substratum”. Obra referencial sobre a matéria em Aristóteles é ainda HAPP, 1971.

²⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 53. Cf., por exemplo, ÅKERLUND, 2019, in: <http://www.conimbricenses.org/encyclopedia/suarezs-theory-of-prime-matter/>, doi: 10.5281/zenodo.3521061. Último acesso em 05.02.2026.

²⁵ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 53.

²⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 53.

²⁷ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 53.

²⁸ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 53. Cf. também id. ibid., l. 1, c. 2, prop. 10, q. 1, p. 27-29; l. 1, c. 2, prop. 10, q. 2, p. 29-32; l. 1, c. 2, prop. 10, q. 3, p. 32-34. Sobre a moldura tomasiana da discussão desses temas, cf. BALDNER, 2004, p. 431-467. Cf. também a obra clássica de LITT, 1963.

à matéria, dado que há propriedades accidentais só se há forma (afinal, “acidentes são propriedades da forma”²⁹). (vi) Em sexto lugar, constata-se o dissenso, entre os peripatéticos, sobre a matéria não ser divisível ou ser divisível ao infinito – ao menos indiretamente, faz-se referência, aqui, aos paradoxos da divisibilidade ou da não divisibilidade da matéria ao infinito, que trazem consigo, por sua vez, a percepção aristotélica do que está envolvido em conceber conceitual-matematicamente e fisicamente a divisibilidade de magnitudes (WIELAND, ³1992, p. 278-316; HÖFFE, ³2006, p. 120-127). A disputa se refere, portanto, a uma visão dos corpos ou das magnitudes naturais (em termos de parte material ou contínuo) como divisíveis ao infinito ou não *em pontos* – não se disputa a divisibilidade ao infinito da matéria *em átomos*. Insinua-se assim uma linha divisória de caminhos teóricos. Fosse a matéria prima redutível a um número de átomos – teoria que Frei Gaspar adota, mas que os aristotélicos não apoiam –, os átomos combinados de modos distintos bastariam “para compor substancialmente”, isto é, esses últimos elementos materiais, combinados, equivaleriam à forma e efetivariam o corpo natural. Mas, em um modelo em que se especula se e como a matéria seria divisível em pontos, esses mesmos, seja como fossem combinados e dispostos, já como partes ínfimas requereriam uma forma distinta unida à matéria, para que o composto substancial fosse produzido.³⁰ (vii) Além disso, a matéria prima (*ad mentem Aristotelis*) “é pura potência receptiva das formas”;³¹ a partir daí, (viii) “todas as formas materiais” – as formas dos compostos materiais ou de matéria e forma– “são extraídas [ou: tiradas] da potência da matéria”. (ix) Em nono lugar, a matéria prima “se distingue realmente da quantidade”.³²

Nesse ponto, Frei Gaspar também disserta sobre a forma. No sistema aristotélico, a forma, o outro princípio intrínseco *ut quod* do corpo natural em ato, é “uma parte realmente distinta da matéria”. Define-se como “uma determinada substância simples e incomposta que, como ato da [ou: para a] matéria, constitui com ela a essência da substância composta”.³³ Há aspectos gerais da forma, para além de ser ela, como a matéria, presente em todas as coisas compostas. (i) Como a matéria, ela é substancial, (ii) incomposta (de si não possui partes, mas como parte ordena-se à composição), (iii) simples, (iv) absoluta e não modal (é tal que se constitui em sua quiddidade e, em tese, pode existir independentemente de outra coisa) e, ainda, (v)

²⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 53.

³⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 54.

³¹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 54; cf. também id. *ibid.*, l. 1, c. 2, prop. 4, p. 12-13.

³² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 54.

³³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 54: “Forma, quae in hoc systemate est, ut dixi, pars realiter distincta a materia[,] est alia conpars corporis naturalis in facto esse, definitur ab illam admittentibus in hunc modum: “substantia quaedam simplex, et incompressa, quae ut actus materiae cum ea constituit essentiam substantiae compositae””.

é tal que, “pelo poder divino”, pode existir sem a matéria – vice-versa, também a matéria sem a forma.³⁴ Seria justo contestar o quanto os aspectos (iv) e (v) podem ser considerados teses filosóficas de Aristóteles – mas há que se considerar que a rubrica “peripatético” aumenta o escopo do que é “aristotélico”. Seja como for, há características em que as propriedades da forma diferem daquelas da matéria: (a) ela não é “pura potência” nem mero “substrato recipiente”; (b) ela não é trazida por outro (princípio) para compor a espécie, mas ela traz a matéria para compor a espécie; (c) ela não é de mesmo tipo em todos os entes compostos, como a matéria o é, mas é sempre especificamente diversa nos diversos (operando como um princípio de determinação de diversidade de tipo, na natureza); (d) com exceção da alma racional, toda forma é “generável e corruptível”. Feita a exceção, quer-se dizer, com essa última caracterização, toda forma de qualquer ente natural dado ou de qualquer entidade composta dada, pois as formas se fazem ou geram quando a entidade composta é produzida, e elas se corrompem quando a entidade composta é destruída.³⁵ Frei Gaspar quer, em resumo, caracterizar como tese dos peripatéticos que todas as coisas compostas, os entes da natureza, se constituem (1) “a partir” (*ex*) da matéria prima e da forma substancial, (2) “mediante a união”. No “sistema” peripatético, quando um composto é gerado, “de novo a forma é produzida e unida à matéria, por meio da união, e essa também é produzida de novo” – não se discute, por ora, o modo como Frei Gaspar compreende o papel das causas externas nesse tocante.³⁶

Depois desse resumo notável de teses sobre o ente natural *in facto esse*, na perspectiva aristotélica ou peripatética, Frei Gaspar faz constar uma avaliação final impressionante:

Este é o sistema aristotélico, que por muitas centenas de ano prevaleceu nas escolas, hoje, entretanto, é rejeitado por não poucos homens, sapientíssimos e amantes da verdade; saiba-se, contudo, que nem tudo o que dizem os peripatéticos sobre a matéria prima é falso. Eles, pois, ensinam muitas coisas que nós defendemos, como já fica evidente pelo que foi dito, e ficará ainda mais evidente a partir das coisas a serem ditas. Apesar de tudo, falando em termos absolutos, julgo que aquele [sistema] deve ser rejeitado.³⁷

O juízo negativo de Frei Gaspar sobre a matéria prima segundo a doutrina peripatética tem duas frentes – ambas se inserem na preferência teórica de

³⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 54-55.

³⁵ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 55.

³⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 55.

³⁷ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 56: “Hoc est aristotelicum systema, quod per plures centenos annos in scholis invaluit[,] hodie vero rejicitur a non paucis hominibus sapientissimis et veritatis amatoribus; sciendum tamen non omnia, quae de materia prima dicunt peripatetici falsa esse. Plura enim docent, quae etiam nos defendimus, ut a dictis iam patet, et ex dicendis amplius patebit. Attamen absolute loquendo, illud rejicitur debere iudico”.

Frei Gaspar pelo tratamento físico da matéria. A matéria prima, no alegado sistema peripatético, (a) “ou é falsa” (b) “ou não é exposta de maneira suficiente”. (a) A tese da falsidade se deve à assunção de que a matéria prima é realmente (*realiter*) distinta da forma. Para o beneditino, a forma não pode ser realmente distinta da matéria prima, porque ela nada mais é do que partes da matéria ou átomos dispostos de um ou de outro modo. (b) A tese da insuficiência explanatória se explica porque, na teoria peripatética, a matéria prima nada mais é que uma “certa *praecisio* metafísica”, uma abstração do intelecto, pela qual se logra explicar “minimamente um primeiro princípio do corpo natural”, na falta de uma explicação melhor e mais concisa. A matéria em termos metafísicos dá sentido à estrutura interna do ente natural, no tocante à sua constituição e mutabilidade.³⁸ Mas isso não é mais o bastante: sendo um primeiro princípio dos entes naturais, ela é algo físico; precisa-se então saber o que *fisicamente* ela é.³⁹ Imagine-se que alguém pergunta a partir de quais princípios uma casa é feita, sendo então a resposta que ela surge “da matéria e da forma da casa”. A matéria no ser atualizado da casa é o *ex quo* a casa é feita, e a forma é a *ratio* quiddiativa da casa: ela determina a matéria para *aquela* composição. Mas quem apreende essa explanação ainda desconhece quais sejam fisicamente os princípios da casa. No modo como os princípios servem de explicação, fica-se em abstrações. Claro que os princípios físicos seriam mais facilmente percebidos se a resposta fosse que são a madeira, os segmentos, as pedras etc., ao passo que a forma é o modo como alguém encontraria, com aqueles materiais, a disposição e a ordem das partes da construção requeridas para a habitação.⁴⁰ Quem assim raciocina nota que há princípios físicos para a casa, mas ainda se necessita de mais estudo para responder à pergunta filosófica pelos princípios intrínsecos *físicos* do ente natural. O ponto é claro: a matéria prima ou o primeiro substrato e a forma ou a *ratio quidditatis* do composto atualizado, tudo isso soa plausível, mas, porque Aristóteles “responde por abstrações metafísicas, o interrogante ainda nada sabe sobre as entidades físicas dos princípios”.⁴¹ Frei Gaspar acusa Aristóteles de ter transmitido a matéria “por conceitos e abstrações metafísicas que podem ser adaptados a diversas coisas” ou entidades físicas que se candidatariam a ser aquilo *a partir do que* se faz tudo o que ganha determinação nas coisas naturais. Isso indica a vagueza que os conceitos aristotélicos trazem consigo, caso se queira passar ao nível da determinação física.⁴²

Seria desejável explanar, nesse ponto, as convicções de Frei Gaspar sobre a matéria prima como átomo e as razões que ele invoca para ver no ato-

³⁸ HÖFFE, 2006, p. 115-116, fala da matéria prima como “conceito de reflexão”.

³⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 56.

⁴⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 56-57.

⁴¹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 57.

⁴² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 57.

mesmo vantagens teóricas e metodológicas. Não há, contudo, como fazer isso agora⁴³ – por ora, fique-se com a simples percepção de que no novo atomismo Frei Gaspar enxerga posições persuasivas opostas aos dois defeitos gerais que foram apontados na teoria peripatética. Essas posições são circunstanciadas pelo avanço da pesquisa experimental sobre os corpos, pela plausibilidade das hipóteses atomistas no tocante à análise resolutive da matéria, pelo poder explanatório do atomismo com respeito à experiência do movimento dos corpos naturais e pelo seu bom ajuste ao teísmo cristão, indicado por Gassendi. As teses de Frei Gaspar sobre a teoria *física* da matéria prima aparecem na Proposição 5 do Capítulo 3 do Livro I, em que se pergunta “se a matéria prima consiste em átomos”.⁴⁴ Caberá defender, em termos físicos, que “a matéria prima é aquilo a partir do que todas as coisas se fazem e em que [sic!] por último elas se resolvem; mas, todos os corpos são feitos de átomos e neles por último se resolvem: logo, os átomos são a matéria prima”.⁴⁵

Embora Frei Gaspar abrace uma ruptura doutrinal feita por outros antes dele, no século 17, ressalte-se que, face ao seu contexto, ele está consciente de introduzir ideias novas. Ele chega a formular quatro argumentos e quatro respostas para mostrar que a ruptura com Aristóteles não é uma indisciplina. Tome-se apenas o primeiro argumento, em que se alega que a matéria prima de Aristóteles foi, por centenas de anos, defendida pelas maiores inteligências, como o dominicano Tomás de Aquino (1225–1274) e o franciscano João Duns Scotus (1265/1266–1308),⁴⁶ por todas as escolas dos “nossos pais reverendíssimos” e “em todas as universidades da Espanha, da França, da Itália, da Alemanha e de outras regiões, unanimemente por doutores seculares e regulares [ou: das Ordens]”. Frei Gaspar, porém, não se intimida pelas razões de autoridade e maioria, dizendo sobriamente que “nem sempre o que é antigo e possui mais patronos é verdadeiro”.⁴⁷ A propósito, ele lembra o leitor que a autoridade de Aristóteles nem sempre foi pacífica, como é ilustrado pelas duras condenações de algumas doutrinas suas no século 13, pela Universidade de Paris.⁴⁸ Ele sugere também que a adesão de muitos professores a doutrinas de Aristóteles deveu-se mais

⁴³ Sobre isso, cf. PICH, 2026, [no prelo].

⁴⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 5, q. 1-2, p. 59-71.

⁴⁵ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica*, [Physica], l. 1, c. 3, prop. 5, q. 2, p. 66: “Probatur secundo. Illud est materia prima, ex quo omnia fiunt, et in quae [sic!] ultimo resolvuntur; atqui omnia corpora fiunt ex atomis, et in illas ultimo resolvuntur: ergo atomi sunt materia prima”.

⁴⁶ *Lato sensu*, tanto Tomás de Aquino quanto Scotus podem ser referidos à abordagem “metafísica” da matéria prima. Contudo, é a abordagem tomasiana que está mais próxima à de Aristóteles.

⁴⁷ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica*, [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 57.

⁴⁸ Sobre condenações de teses aristotélicas ou, antes, de teses aristotélico-heterodoxas na Universidade de Paris, ao longo do século 13, cf. ZIMMERMANN (Hrsg.), 1976; AERTSEN, EMERY, Jr., SPEER (Hrsg.), 2001.

ao alinhamento à doutrina adotada em comum pelas respectivas escolas das Ordens, e menos “por próprio juízo”.⁴⁹

Para todos os efeitos, a *Física* de Frei Gaspar contém também uma exposição metafísica da matéria, e nela a crítica a Tomás de Aquino tem grande expressão. Uma vez que a abordagem de Frei Gaspar, apesar de densa, não é detalhada em suas pressuposições e fontes, recomenda-se ter à disposição uma visão (muito) básica de como a doutrina da matéria prima tomasiana se caracteriza e, dentro de certos moldes, chega a Frei Gaspar.

Antes de mais, matéria e forma são conceitos metafísicos – com óbvio lugar na filosofia da natureza – que chegam à Idade Média não a partir de uma única tradição filosófica.⁵⁰ A versão platônica de matéria-e-forma, extraída em especial do diálogo tardio *Timeu*, indiretamente veiculada por autores como Agostinho e marcada pela tese de que a matéria é um receptáculo universal desprovido de formas, foi influente até meados do século 12 – sobretudo em intelectuais da Escola de Chartres. Platão admitiu em sua teoria da realidade três gêneros básicos, isto é, (a) “formas imutáveis e inteligíveis”, (b) “formas sensíveis e mutáveis”, entendidas como as cópias das primeiras envolvidas na matéria, e (c) “matéria” (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 356-357; PLATON, *Timaios*, 1991, 48d-52c, p. 290-303). Sendo aquilo em que as formas de segundo tipo vêm a ser e têm ser, a matéria está fora das formas e, de si, não tem nem inteligibilidade nem cognoscibilidade – mais tarde, Plotino a considera “não-ente” ou privação de ser.⁵¹ Na versão agostiniana, a matéria tanto é *informitas* quanto, em última análise, algo ou mais do que o mero nada, porque *qua* matéria sem forma ela é criada do nada.⁵² Ela tem disposições internas desde o seu ser-criada, as *rationes seminales*. Nessa condição, a matéria ganha qualquer forma e tem prioridade ontológica sobre o mundo e a forma.

Mas não resta dúvida de que foi com a chegada, no século 13, dos textos de Aristóteles, em sua totalidade, ao Ocidente Medieval Latino que a matéria retomou o status de conceito precípua de estudo filosófico. Afinal, junto com a forma (que, como o ato, tem prioridade ontológica: cf. ARISTOTELES, *Metaphysik*, 1991, XII 6, 1072a7-19, p. 250-253), a *materia / hylé* é parte constituinte e princípio intrínseco do composto substancial e – como substrato que diz aquilo *do que* algo é feito – é imprescindível para explicar a mudança. Cabe lembrar que os textos aristotélicos centrais – *Física* II 1-3 e *Metafísica* VII 3, 7-8, 10-11 (ARISTOTELES, *Physik – Vorlesung über Natur*, 1987, II 1-3, p. 50-69; ARISTOTELES, *Metaphysik*,

⁴⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platônica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 57-58.

⁵⁰ Para esse breve resumo histórico-conceitual que deve chegar em Tomás de Aquino, apoio-me amplamente, e sem originalidade, em KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 356-361, bem como em BORMANN, FRANZEN, KRAPIEC, OEING-HANHOFF, 1972, II.3-4, col. 999-1009 (977-1030).

⁵¹ PLOTIN, II 4 – *Die beiden Materien*, 1956, II.4.4-16, p. 244-277.

⁵² AGUSTÍN, *Confesiones*, 1963, XII.6.6, p. 493-494.

³1991, VII 3, 7-8, 10-11, p. 8-13, 24-35, 38-55) – chegaram aos autores do século 13 com a companhia dos comentários antigos, bizantinos e árabes. C. König-Pralong destaca que foi com Averróis, comentador da *Física*, da *Metafísica* e de *Sobre o céu*, que o estudo da matéria enfocou novamente as mudanças na natureza ou, antes, no cosmo de corpos sublunares. Tendo a matéria “dimensões indeterminadas” em termos de tridimensionalidade, em havendo formas determinantes poderia haver divisões correspondentes da matéria em tantas substâncias individuais quanto houvesse formas (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 358).

Na Universidade de Paris, no século 13, Alberto Magno adotou a posição de Averróis e entendeu matéria e forma como princípios correlativos, intrínsecos à substância, ainda que tenha introduzido um elemento neoplatônico na teoria, a saber, a ideia de que a matéria é o *appetitus* por forma, tal que na matéria as formas estariam presentes de modo incoativo – esse desejo foi chamado de *inchoatio formae* (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 358), tal que embriões de formas teriam sido infundidos na matéria prima pelas inteligências divinas, cabendo aos agentes naturais levar ao ato as formas assim existentes (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 358). König-Pralong destaca que, a partir da década de 1260, na universidade medieval três questões sobre o par matéria e forma se sobressaem e evidenciam a interface entre teologia e filosofia da natureza: discute-se (a) se Deus pode criar a matéria sem a forma, (b) se em uma mesma substância (por exemplo, um ser humano) existe uma pluralidade de formas substanciais e (c) se nas substâncias espirituais e separadas (por exemplo, os anjos e as inteligências puras da cosmologia peripatética) existe algum tipo de matéria.⁵³ Muito embora o hilemorfismo (restrito) ocupe um lugar único e desenvolvido com acentos novos, na sua doutrina metafísica (BORMANN, FRANZEN, KRAPIEC, OEING-HANHOFF, 1972, col. 999-1007; BORGO, 2013, p. 1-22), Tomás de Aquino é em regra descrito como o autor do século 13 que responde a essas questões de modo fiel aos princípios físico-metafísicos de Aristóteles. Assim, por exemplo, (a) nenhum poder pode fazer com que a matéria prima exista sem a forma, pois ela de si nada é senão “pura potencialidade” (DAVIES, 1992, p. 46-49; WIPPEL, 1993 (repr. 1997), p. 110-113; LANG, 1998, p. 367-385; compreendendo um leque maior de temas, cf. BROWER, 2014, p. 85-103). O ser em ato de uma substância se deve à sua forma, da qual a matéria ontologicamente depende e à qual, em status, opõe-se: a matéria explana a potencialidade da substância natural, e a forma explana a sua determinação atual (o que ela é). Em termos físicos, não há na matéria, de si, nem realidade substancial nem *rationes seminales* infundidas (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 359). De forma

⁵³ Cf. KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 358-359, com referências a *In libros Sententiarum* II d. 12 q. 1, *De potentia* q. 4, *Quodlibet* III q. 1; *Sententia super Metaphysicam* VII, *De principiis naturae* c. 4; *In libros Physicorum* II. Cf. também SANTOS, 2024, p. 269-273.

característica, (b) Tomás de Aquino também recusa a ideia de que uma pluralidade de formas substanciais coexista em uma mesma substância individual. A atualidade da primeira forma provê, em qualquer composto substancial, o seu ser completo. Assim, no ser humano individual é (só) a sua alma racional – a sua forma – que lhe dá, por inteiro, realidade atual-substancial. No mesmo composto, a matéria mantém a função de princípio que parcialmente explana mudanças acidentais (como o ganho e a perda de propriedades, em termos de geração e corrupção).⁵⁴ Além disso, (c) Tomás de Aquino recusa a tese de que, para além da realidade física mutável, haja composição de matéria e forma – não há em entidades imateriais, embora individuais e mutáveis em certo aspecto (como os anjos e as inteligências), algum outro tipo de matéria (“espiritual”).⁵⁵

As posições de Tomás de Aquino, já em seu tempo e nas décadas seguintes, foram amplamente contestadas (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 359). Para manter o foco no tema do status da matéria prima, seja lembrado que em especial os intelectuais franciscanos, em sua maioria, sustentaram – de diferentes maneiras – que a matéria prima tem alguma realidade ontológica própria e, por conseguinte, possui alguma atualidade, por mínima ou inferior que seja na comparação com a atualidade da forma – por conseguinte, é logicamente possível que uma causa eficiente onipotente faça a matéria sem forma qualquer (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 359). Para efeito de brevidade, mencione-se apenas a linha de raciocínio metafísico – de validade geral e mais fundamental do que o problema físico-natural – lançada por João Duns Scotus. Aceitando-se que tudo o que é de si possível (ou de si pode ser conectado por um poder ao ser ou à existência efetiva) possui também status metafísico ou, mais simplesmente, realidade – e, por isso mesmo, é também dotado de alguma formalidade e inteligível a um intelecto proporcionado – e assumindo-se que a matéria prima (inclusive aquela da filosofia aristotélica) não é um puro nada, é forçoso concluir que ela é de si possível e de si real-formal em alguma medida. Descendo ao plano da filosofia da natureza, a posição scotista implica que os entes ou as substâncias naturais (criadas) são composições estritas, a saber, de matéria prima e de forma como itens distintos absolutos (que podem, pois, existir independentemente um do outro) – cabendo refletir, para a compreensão causal das substâncias, sobre o princípio intrínseco de conexão (KÖNIG-PRALONG, 2011, p. 360).⁵⁶

⁵⁴ Sobre isso, cf. em especial TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, 2005, I q. 76 a. 1-8, p. 371-401.

⁵⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *O ente e a essência / De ente et essentia*, 1995, Capítulo IV, p. 35-43.

⁵⁶ Sobre a concepção de Scotus acerca da matéria prima, cf. TRIFOGLI, 2022, p. 150-159. Cf. também CROSS, 1998, p. 13-33; WARD, 2014, p. 8-18, 27-40. Cf. IOANNES DUNS SCOTUS, *Opera omnia XIX. Lectura in librum secundum sententiarum: a distinctione septima ad quadragesimam quartam*, 1993, *Lectura*, II d. 12 q. un., n. 11-68, p. 72-95.

2. Matéria metafísica, Tomás de Aquino e “tomistas”

Como já dito, independentemente do distanciamento de Frei Gaspar para com todos os “peripatéticos”, Tomás de Aquino incluído, no tocante à teoria física da matéria, sobressai-se também – e exemplarmente – na exposição da matéria prima “no modo abstrato e metafísico de falar”⁵⁷ o rompimento com Tomás de Aquino em filosofia da natureza. Para ser justo, todos os três temas que tipificaram a doutrina tomasiana da matéria na Idade Média, conforme o esboço da divisão anterior deste estudo – e inclusive o tema do *appetitus* pela forma⁵⁸ – estão na pauta da *Física* de Frei Gaspar, mas é sobre o primeiro, que põe em questão o status metafísico de matéria e forma, que a ênfase recai e que ilustra de modo explícito a liberdade de pensamento frente ao tomismo. Da forma mais pontual, isso pode ser percebido na Proposição 5 do Capítulo 2 do Livro I da *Filosofia da natureza*, em que Frei Gaspar interroga “Se a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma”.⁵⁹ No Livro I da sua *Filosofia da natureza*, Frei Gaspar se dirige o mais explicitamente a Tomás de Aquino – sendo concedido que, o mais das vezes, dirige-se em geral aos “tomistas”, sem que, no entanto, nenhuma obra e nenhum autor em específico sejam nomeados. A sua posição sobre o tema de debate é a de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma. A matéria prima “de si” (*de se*) e “a partir de si” (*ex se*) é um ato entitativo, ela quanto ao ser não está na esfera de dependência de outras causas naturais, embora possa ser admitido que, em sentido relativo ou “na ordem às formas substanciais”, ela seja “tão-somente pura potência”, um “puro potencial”. Isso só quer dizer que a matéria prima, no seu status próprio, não inclui nenhuma forma física de maneira determinada.⁶⁰ Nas descrições que seguem, intenta-se ficar próximo ao texto o máximo possível, dado o estado inédito das fontes. Trata-se de um recorte de análise na *Física* de Frei Gaspar, no tocante ao tomismo, o recorte de um todo ainda não intuído.

A tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma é sustentada por cinco provas. A primeira prova pode ser descrita e analisada como segue:

(Pm) A matéria prima no composto humano existe por existência própria;

⁵⁷ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, p. 5-37.

⁵⁸ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, Propositio octava – Qualiter materia prima appetat formam?, p. 21-24. Frei Gaspar favorece a tese de um “apetite inato” da matéria pela forma. Está para ser estudado o vínculo que ele faz entre essa tese e o tema da *inchoatio formae*.

⁵⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 13-17.

⁶⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 13-14.

Logo,

(C) Ela também existe por existência própria “nos outros compostos”.

A premissa maior pressuposta teria de ser (PM) “Tudo o que⁶¹ existe por existência própria em um composto [ente natural] assim existe também nos outros compostos” – ela, contudo, permanece oculta e não há conteúdo na exposição que pareça defendê-la. De todo modo, o que precisa ainda ser provado, segundo Frei Gaspar, é a premissa menor. Frei Gaspar a prova, a propósito, recorrendo a Tomás de Aquino.⁶² Tomando-se o composto natural humano, nele a existência da matéria é “corpórea”, ao passo que a existência da forma, a saber, da alma racional é “espiritual” e, portanto, “não-corpórea”. Isso deve implicar que a existência da matéria e a da forma são ali distintas e que, portanto, “no composto humano a matéria [prima] existe por existência própria” – a premissa menor desejada.⁶³ Cabe ainda afirmar que “existência distinta”, no argumento, parece querer dizer de tipo diferente *quanto ao ser* ou *quanto ao que é* – por exemplo, *quanto ao ser matéria* ou *quanto ao ser forma* (cf. abaixo a quarta prova da tese, que invoca algo próximo da ideia de “ser de essência”) –, ao passo que “existência própria” deve ser equivalente à existência independente ou, então, de si em algum nível básico.

A segunda prova da tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma é esta: “Se a matéria prima existisse pela existência da forma, seguir-se-ia que a matéria seria todos os dias destruída e [seria] todos os dias reproduzida; mas não cabe dizer isto: logo, [etc.]”.⁶⁴ Reformula-se assim o argumento:

(PM) Tudo o que depende de algo para existir deixa de existir quando esse algo deixa de existir e só volta a existir se esse algo existe de novo;

(Pm) A matéria depende da forma para existir;

(C) Logo, a matéria deixa de existir quando a forma deixa de existir e só volta a existir se a forma existe de novo.

A partir dessa conclusão, um novo argumento pode ser formado, que assim reza:

(PM) A matéria é destruída [ou: deixa de existir] quando a forma é destruída e só volta a existir [ou: é reproduzida] quando a forma existe de novo;

(Pm) A forma é destruída [ou: deixa de existir] todos os dias e volta a existir [ou: é reproduzida] todos os dias;

⁶¹ O sentido é: “Todo tipo de coisa que”.

⁶² O pano-de-fundo talvez seja TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, 2005, I q. 76 a. 1, p. 372-378; a. 5, p. 391-394.

⁶³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

⁶⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

(C) Logo, a matéria é destruída [ou: deixa de existir] todos os dias e volta a existir [ou: é reproduzida] todos os dias.

A inconveniência a ser captada no argumento – e que deve minar a tese de que a matéria existe em dependência da existência da forma – pode ser assim expressa: dadas as suas premissas, sempre que (e somente se) existisse forma ter-se-ia o caso de a existência da matéria ser gerada – ou, dito de outro modo, a matéria existiria “por geração”, e isso seria o mesmo que existir pela forma ou pela existência da forma. Mas *ser gerado* não é um atributo da matéria em nenhum sistema filosófico, muito menos sê-lo *pela forma*.⁶⁵

A terceira prova de Frei Gaspar da Madre de Deus em favor da tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma recebe a seguinte versão:

Toda causa existe [ou: é] por anterioridade ao seu efeito e o precede; mas a matéria, conforme os adversários, é causa da forma material; logo, ela deve precedê-la; mas preceder a forma é existir por anterioridade a ela; logo, a matéria prima existe por anterioridade à forma, de onde se infere que ela não existe pela existência da forma.⁶⁶

Para fins de análise e explanação das premissas, sugere-se a seguinte reconstrução:

(PM) Toda causa existe [ou: é] por anterioridade ao seu efeito e o precede;

(Pm) A matéria é causa da forma material;

(C) Logo, ela existe por anterioridade à [ou: precede a] forma material.

A conclusão obtida permite um novo argumento silogístico, que pode ser assim versado:

(PM) O que existe por anterioridade a outro não existe pela existência do outro;

(Pm) A matéria existe por anterioridade à existência da forma material;

(C) Logo, a matéria não existe pela existência da forma material.

Assumindo a linguagem dos “adversários”, a quem Frei Gaspar se opõe no tocante ao status ontológico da matéria prima, cabe dizer que “forma material” é outra expressão para a forma *qua* causa formal ou na

⁶⁵ Independentemente da justiça que Frei Gaspar faz ao entendimento tomasiano (e tomista) da existência não-independente da matéria e da existência não-independente da forma, ele, nesse ponto, lida com uma tese ortodoxa da cosmologia de Tomás de Aquino. Cf., por exemplo, HUGON, 1998, p. 95-97.

⁶⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

perspectiva de que in-forma ou dá atualidade e determinação à matéria potencial ou à causa material como pura potência – como, analogamente, a forma de César Augusto dá forma a uma estátua de matéria-bronze. Seja como for, a estratégia de Frei Gaspar é mostrar aos opositores que a conclusão do argumento se funda em algo que eles não podem negar, a saber, que a “matéria prima por anterioridade à forma é entendida como [algo] potente em ato para receber a forma”; logo, a matéria prima “é entendida como em ato existente”. Sem dúvida, Frei Gaspar introduz aqui a convicção metafísica de que, se a matéria prima é algo com poder para receber formas, ela precisa, justamente nesse passo, de um status próprio de realidade e atualidade. Eis a tese forte: se ela deve ser potência para formas, a matéria prima tem de ser algo que *enquanto em ato* é potente de si à forma ou à determinação, e isso, por sua vez, tem de pressupor que ela em ato – em alguma medida – existe. O raciocínio, agora, permite a forma reversa, afinal “uma matéria não em ato existente é [algo] em ato nada”, e “o nada não pode ser inteligido enquanto em ato potente para receber a forma”. Nesse ponto, reflexão metafísica e reflexão de inteligibilidade se misturam. Em síntese, se a matéria prima é potência para formas, (i) ela nesse nível precisa – em termos lógico-metafísicos, portanto – de um status de atualidade, e por isso mesmo (ii) ela tem de ter um status de existência atual. A primeira conclusão assume a convertibilidade entre ser potencial e ter nível de atualidade, e a segunda assume a convertibilidade entre ser atual e existir (em alguma medida) em ato. Se os opositores adotam a tese geral de que a matéria prima, com anterioridade, é potência para formas, tendo nisso o papel de causa da “forma material”, terão de aceitar as duas conclusões.⁶⁷

A quarta prova de Frei Gaspar da Madre de Deus em favor da tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma é apresentada brevemente:

A existência é ato da essência; logo, onde dá-se uma dupla essência, dá-se uma dupla existência; mas a essência da matéria é distinta da essência da forma; logo, também a existência da matéria [é distinta da existência da forma].⁶⁸

Embora fique sem maiores explicações, por Frei Gaspar, a premissa maior – “A existência é ato da essência” – é tanto decisiva quanto complexa. Se essência é aquilo que algo com status ontológico *é* (o seu *quid*), e se matéria prima e forma *são algo*, então algum tipo básico de atualidade e, por conseguinte, de existência ambas têm também, isto é, *o ser de essência*. O que tem essência tem algum ato e, portanto, alguma existência – leem-se

⁶⁷ Para todo o parágrafo, cf. GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

⁶⁸ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], lib. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

também na quarta prova os mesmos princípios assumidos na prova anterior. Nesse ponto, a premissa menor – “A essência da matéria é distinta da essência da forma” – não ganha controvérsia; afinal, está claro que a matéria é algo com potência para formas, e a forma é um princípio de determinação. Ela determina o ente natural.

Na Proposição 5 do Capítulo 2 do Livro I, consta ainda uma breve quinta prova em prol da tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma:

A matéria prima por si mesma exclui o seu contraditório ou o seu não ser [ou: o não ser de si] na natureza das coisas; mas excluir o seu contraditório é formalmente existir; logo, a matéria prima existe por si mesma e não pela existência da forma.⁶⁹

O quinto argumento pode ser reformulado, tomando-se que do princípio “excluir o seu contraditório [ou o seu não ser] é formalmente existir” segue-se a seguinte premissa:

(PM) Tudo o que exclui o seu contraditório [ou o seu não ser] formalmente existe;

(Pm) A matéria prima por si mesma exclui o seu contraditório ou o seu não ser;

(C) A matéria prima existe por si mesma e não pela existência da forma.

A premissa maior pode ser assumida desde que entendida como um princípio do *ser de essência* (do *ser algo* ou do *ser um quid* qualquer). A premissa menor, com a qual Frei Gaspar se ocupa em uma confirmação, pode ser obtida do fato mesmo de que a matéria prima não é entendida como nada, mas como algo, a saber, o princípio de recepção de formas, de maneira que ela “por si e formalmente se opõe ao nada” e, portanto, “existe por si e formalmente”.⁷⁰ Insinua-se permanentemente nesses argumentos e nessas premissas sobre a matéria prima a ideia de que ela, se não é equivalente ao nada, tem por consequência essência e formalmente é algo; simetricamente, se ela é essência e formalmente é algo, então ela não é nem pode ser nada (o contraditório formal de tudo o que *é algo*). Tudo o que é, qualquer coisa em absoluto, pelo simples fato de ser algo, opõe-se ao seu contraditório não-ser, ao não-ser de si: ao nada ou ao seu contraditório.

Após as cinco provas em prol da tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma, Frei Gaspar se ocupa em descrever convicções da “Escola Tomística”, que, em tese, refletem

⁶⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

⁷⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 14.

a filosofia de Aristóteles. Nesse campo, a matéria prima é “pura potência”, não tendo “nenhum ato próprio”. Considerando que “existência é ato”, conclui-se que “a matéria não tem existência própria”, existindo, antes, só “pela existência da forma”. Esse é o argumento básico da escola tomística.⁷¹

Ao articular e reagir a objeções que dão expressão ao argumento tomista, Frei Gaspar dá vazão às convicções filosóficas que subjazem às cinco provas que formulou. Ele afirma, pois, em resposta a uma primeira instância dos autores tomistas, que “no gênero metafísico ou lógico” não é verdade que a matéria não tem nenhum ato próprio e nenhuma existência própria. Para ser preciso, a matéria deve ser entendida não como algo que exclui toda atualidade, mas sim como algo que, porque põe potencialidade, inclui, com efeito, imperfeição, embora não seja “infinitamente imperfeito”. A matéria tem status de ente, e nisso ela equivale a “um que pode existir”, e justamente por isso “terá alguma atualidade”.⁷² Inscreve-se, nessa explanação, o princípio de que algo que pode existir – isto é, pode ser determinado por alguma forma na efetividade – tem de si alguma medida de atualidade. Seja como for, o argumento vale na esfera da metafísica.

Além disso, Frei Gaspar discerne, ao reagir a uma segunda objeção, que a tese de existências (realmente) distintas e próprias em ato para matéria prima e forma, respectivamente, é válida como tese metafísica, não como tese física – fisicamente, matéria prima e forma material não são “duas entidades realmente distintas”,⁷³ já que, como Frei Gaspar mais adiante dirá, a forma material resulta de uma certa disposição da matéria-átomo. Em termos físicos, se matéria e forma fossem distintas como entes absolutos em ato, a partir delas “não se faria um uno por si”⁷⁴ ou uma unidade essencial – em sentido lógico-metafísico, contudo, um *unum per se* (no caso, o do composto substancial) só poderia significar, em diferença àquilo que os tomistas assumem, a unidade de dois itens com ser ou com existência própria e realmente distinta e, não obstante isso, aptos a constituir uma unidade própria por uma relação transcendental.⁷⁵

⁷¹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 15. Em regra, utiliza-se, neste estudo, “tomista” e “tomístico” como equivalentes; a segunda expressão, no entanto, reserva-se de forma mais exclusiva para aquilo que é relativo aos intérpretes e seguidores de Tomás de Aquino.

⁷² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 15.

⁷³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 15.

⁷⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 15.

⁷⁵ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, Propositio Septima – Utrum materia possit existere sine forma?, p. 21. Frei Gaspar admite uma relação transcendental entre matéria e forma, a saber, que a matéria é um “item relacional transcendente [*relatum transcendens*] com respeito a formas possíveis, não, porém, com respeito a formas atuais”. A matéria, portanto, pode se preservar existente sem forma atual, mas jamais sem “forma possível”, o seu real *terminus ad quem*.

Em um terceiro argumento ou uma terceira instância dos tomistas contra a tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma, assim consta:

Existir é por causa do operar; mas a matéria prima não tem nenhuma operação própria; logo, ela tampouco tem existência própria.⁷⁶

A réplica de Frei Gaspar é imediata, ao afirmar que “o argumento nada prova, porque ele prova demais”. Que ele prova demais, isso pode ser mostrado de diversas maneiras.

Primeiramente, há que se dizer que o argumento acaba por provar que a matéria não tem existência nem tem essência. Afinal, se o argumento dos tomistas nega existência própria à matéria porque ela não tem operação própria – supondo-se que ser/existir pertence ao operar –, então, ao ser negada a existência própria, nega-se também essência à matéria.⁷⁷ Como entender o raciocínio? Ora, foi argumentado acima, por Frei Gaspar, que a matéria prima tem uma essência, e o que tem uma essência tem alguma medida de existência ou ser próprio. Se isso é assumido como verdadeiro, então para negar a existência própria de algo há que negar-se a essência de algo. Se o terceiro argumento dos tomistas passa da negação de existência por causa da negação de operação própria, ele prova demais, porque a primeira negação não pode ser estabelecida a partir da segunda, mas só a partir da negação de essência (ou do ser de essência) à matéria prima.

Em segundo lugar, o argumento dos tomistas prova demais porque prova que “a matéria nem pela existência da forma” pode existir; “afinal, existir é por causa do operar: logo, se a matéria não tem nenhuma operação” em si, caberia antes dizer que ela não existe.⁷⁸

Para Frei Gaspar, o erro no terceiro argumento dos tomistas está na premissa maior assumida, a saber, “Existir é por causa do operar” (*Existere est propter operari*). Ela é falsa e deve ser negada. Com efeito, “operar” (*operari*) significa “fazer”, “atuar”, “produzir”, indicando a consequência lógico-metafísica de ser uma causa ativa. As razões alegadas por Frei Gaspar para negar a premissa maior são densas em termos de conteúdo metafísico: (i) “A subsistência, pois, existe, sem que opere” e (ii) “As relações na doutrina tomística existem, sem que sejam operativas”.⁷⁹ Assumindo-se, pois, que “subsistência” e “relações” não são entidades operativas ou relativas à produção, conclui-se facilmente que não é o caso que todas as coisas existem por causa do operar.

⁷⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 15.

⁷⁷ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 15-16.

⁷⁸ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

⁷⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

Na quarta instância dos “tomistas” contra a tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma, há remissão direta ao papel exercido pela forma:

A existência da forma se une à matéria; logo, ela torna a matéria existente, assim como a brancura unida ao substrato o torna formalmente branco.⁸⁰

Na sua resposta, Frei Gaspar por primeiro apela aos “nossos princípios” – uma formulação especialmente importante em um contexto de contraposição aos princípios metafísico-físicos dos tomistas. É inegável que a premissa e a conclusão do argumento pressupõem a assunção do princípio de que “todas as formas são entidades realmente distintas e que têm, por isso mesmo, uma existência distinta da existência da matéria”.⁸¹ Aqui, como acima quando da sua resposta ao segundo argumento dos tomistas, essa suposição é classificada sumariamente como “falsa”. Ressalte-se, para todos os efeitos, que a falsidade da tese da distinção real entre matéria prima e forma no ente natural – seguramente entre a matéria e a “forma material”, não entre a matéria e a “forma racional”⁸² – é entendida por Frei Gaspar como uma tese física, que ele insere conscientemente no debate em termos metafísicos sobre a existência própria da matéria.

Em segundo lugar, Frei Gaspar reage ao quarto argumento dos tomistas “segundo a sentença dos que admitem formas materiais realmente distintas da matéria, negando [, contudo,] a consequência”. A consequência do quarto argumento é: “A forma torna a matéria existente”. Em outras palavras, mesmo se a forma material – entendida como o princípio que determina a matéria e, no composto, dá a ela perfeição – for tomada como realmente distinta da matéria, nada leva à mencionada conclusão. Frei Gaspar adiciona à breve arguição uma afirmação cuja terminologia chama a atenção: “a matéria não é um substrato capaz de consistir [*capax consistendi*] pela existência da forma ou por qualquer outra existência distinta”.⁸³ O que isso quer dizer? Há alguma nova ideia acrescentada ao ponto anterior decisivo de que a matéria, já que é possível e não é nada, tem de ter um ser de essência próprio? De fato, essa ideia parece estar sempre implícita no raciocínio de Frei Gaspar, mas agora ele parece enfocar uma relação intrínseca entre ser uma dada natureza e existir. Afinal, ele explica a tese sobre a incapacidade da matéria de consistir pela existência da forma

⁸⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16. O contexto pode ser TOMÁS DE AQUINO, *Suma teológica*, 2005, I q. 75 a. 2 (“Utrum anima humana sit aliquid subsistens”), p. 358-360, em que ser subsistente equivale a ser um “hoc aliquid”, algo que é/existe em e por si mesmo e, no caso da alma humana, pode operar. Cf. id. ibid., ad 1.

⁸¹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

⁸² Cf. também GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, Propositio sexta – Utrum materia recipiat formam per potentiam a se distinctam? Et utrum aliquando existerit sine omni forma?, p. 17.

⁸³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

dizendo que “existir é tolher o seu não ser na natureza das coisas”. De novo, o enfoque é pensar o que está implicado em ser uma dada natureza, a saber, cancelar o não ser e pôr o ser. O argumento se completa assim:

[...]; visto, porém, que ‘o não ser só é tolhido pelo ser’, e nada distinto da matéria é o ser da matéria, a matéria, por isso mesmo, e qualquer outra coisa não pode existir por uma existência distinta.⁸⁴

O argumento é plausível se ser alguma coisa ou alguma natureza, como “matéria”, traz consigo um tipo de ser ou existir. Dado que cada coisa só pode ser por natureza ou por essência a coisa que é, só cada coisa pode pôr a sua existência distinta. Com isso, todo ser é ser de si (do algo que é), e toda existência é existência de si (do algo que existe).

Nesse ponto, Frei Gaspar pode se dirigir à comparação feita no quarto argumento dos tomistas, em que “a forma torna a matéria existente” como “a brancura unida ao substrato o torna formalmente branco”. É preciso notar uma disparidade na analogia entre o que “brancura” faz com “substrato” e o que “forma” faz com “matéria”. Ora, “ser branco” apenas equivale a “substrato apto com [ou: “capaz-de-conter” a, *capax*] brancura”.⁸⁵ Ao que tudo indica, poder-se-ia mais simplesmente dizer que “ser branco” equivale a “substrato mais brancura”. Isso deve expressar com clareza a ideia de que não é o caso que a brancura faz o substrato existir, mas apenas que ela caracteriza o substrato como branco: ela pode conter-se nele, determinando-o nesse sentido. Mas, como tal, o substrato – no caso, a matéria prima – já “consiste”, independentemente. Já a ideia de que a forma torna a matéria existente só faria sentido se ela tornasse a matéria o algo que a matéria é; isso, porém, como já foi amplamente defendido, não pode ser.

Na quinta instância dos tomistas contra a tese de que a matéria prima tem existência própria distinta da existência da forma, pode-se notar uma conclusão contraintuitiva:

Se a matéria tivesse uma existência própria distinta da existência da forma, [então] o fogo a ser produzido amanhã já existiria hoje, inadequadamente; afinal, existe hoje a matéria dele. Mas isto não se deve dizer; logo, [a matéria não tem existência própria distinta da existência da forma].⁸⁶

De fato, Frei Gaspar não hesita em conceder que a matéria do fogo de amanhã existe hoje adequadamente, e a forma do fogo de amanhã existe hoje só inadequadamente. No entanto, o fogo de amanhã não existe hoje, isto é, “existe hoje a matéria dele [do fogo]” é falso e, antes mesmo, é uma conclusão inválida. Em sendo assumido (em termos metafísicos) que

⁸⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

⁸⁵ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

⁸⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physical], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

a matéria é um princípio “indiferente a todas as formas”, ela só pode ser dita “fogo” – justamente porque ela então seria matéria *do fogo*, assim como o composto seria *fogo* – se ela for “unida à forma do fogo”: Contudo, visto que “ela hoje não está unida à forma do fogo, por isso mesmo hoje ela não é dita fogo existente”.⁸⁷

Por ora, pode-se prescindir da análise do sexto e último argumento dos tomistas – de teor teológico e que evidencia o contexto de formação no qual o curso de Frei Gaspar se inseria.⁸⁸ As réplicas de Frei Gaspar miram a mesma conclusão central.⁸⁹ Feito o embate sobre a existência própria da matéria prima, distinta da existência da forma – em cinco provas de Frei Gaspar em favor da sua posição, mais as respostas a seis objeções escritas no espírito dos adversários tomistas –, Frei Gaspar dá expressão final à sua relação intelectual com o Aquinate, em palavras da Proposição 5 do Capítulo 2 do Livro I, que ressoam hoje em alto e bom som e talvez tenham ganhado fama já em seu tempo:

Quanto a alguns textos de Santo Tomás [*Divi Thomae*], aduzidos pelos adversários, pode ser dito que nós não prestamos juramento nas palavras de Santo Tomás [*Divi Thomae*], sem contar que o Santo Doutor, se entendido corretamente, não é contra nós.⁹⁰

Ainda não se tem um quadro amplo o suficiente do *Curso* de Frei Gaspar para poder avaliar a última frase da citação acima. Certo é que, aqui e mais adiante no seu texto, pode-se conjecturar que Frei Gaspar se dirige, com certa ironia, aos jesuítas. Na Proposição 4 do Capítulo 3 do Livro I, ele parece pensar sobretudo nos jesuítas, quando afirma que a adesão de muitos mestres à doutrina de Aristóteles se deve mais a um senso de obediência à doutrina comum adotada na Ordem respectiva do que ao “próprio juízo”.⁹¹ Aqui, na Proposição 5 do Capítulo 2 do Livro I, Frei Gaspar afirma que, como mestre e intelectual beneditino, não fez juras à doutrina de Tomás de Aquino. Por que não pensar que, nesse ponto, há remissão à relação dos jesuítas com a *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (promulgada em Roma, em 08 de janeiro de 1599), que – além de apresentar o currículo geral de conteúdos e os princípios gerais de pedagogia, com 467 regras diretivas, válidos para todas as suas instituições de ensino – concretamente instruía os jesuítas sobre as obrigações

⁸⁷ GASPARELLI, A. MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16.

⁸⁸ GASPARELLI, A. MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16: “A humanidade de Cristo Senhor existe pela existência do Verbo Divino; logo, por semelhante modo a matéria [existe] pela existência da forma”.

⁸⁹ GASPARELLI, A. MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 16-17.

⁹⁰ GASPARELLI, A. MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 5, p. 17: “Ad aliquos textus Divi Thomae ab adversariis aductos dici potest, nos non jurasse in verbis Divi Thomae; praeterquam quod Sanctus Doctor[,] si recte intelligatur, non est contra nos”.

⁹¹ GASPARELLI, A. MATRE DEI, *Philosophia platonica*, [Physica], l. 1, c. 3, prop. 4, p. 57-58.

vigentes em seus cargos de docência? Ora, havia prescrições explícitas na *Ratio Studiorum* para não se afastar da filosofia de Aristóteles e do pensamento de Tomás de Aquino. Até 1759, nos colégios e seminários jesuítas do Brasil colonial, foi a *Ratio Studiorum* que moldou o ensino (sobre isso, cf. DOMINGUES, 2017, p. 141-206, especialmente p. 141-181).

3. Como a matéria prima existe e como ela pode existir

Nas Proposições 6 e 7 do Capítulo 2 do Livro I, podem ser identificadas discussões metafísicas complementares à rejeição da tese tomista de que a matéria não possui existência própria distinta da existência da forma, ainda que nem Tomás de Aquino nem tomistas sejam explicitamente referidos. Na Proposição 6, duas perguntas são feitas: “A matéria recebe a forma por uma potência distinta de si? Alguma vez ela terá existido sem qualquer forma?”. A primeira pergunta ganha resposta negativa – tal potência distinta da matéria prima (*qua* potência para formas) é tida como “supérflua” por Frei Gaspar.⁹² A segunda pergunta do enunciado tem importância no quadro geral do debate sobre o status de essência e de existência da matéria. O parecer com o qual se chega até aqui é (i) o da defesa de um status de essência e de ser próprio da matéria e (ii) o da admissão, em termos metafísicos, de uma distinção real entre matéria e forma nos entes naturais – mas, ao contrário, da rejeição de tal distinção, em termos físicos. (iii) Não se deve esquecer, ademais, que na primeira parte de seu curso filosófico, na *Filosofia racional*, Frei Gaspar defendera de modo *sui generis* um tipo de platonismo sobre os universais ou as ideias, em que se ganharia a impressão de que as formas da realidade são ideias sempre instanciadas ou existentes porque já sempre criadas com as coisas (PICH, 2023, p. 425-493).

Em algo que pode parecer surpreendente, dada a defesa anterior da existência própria da matéria, Frei Gaspar afirma que matéria jamais existiu sem forma. Qual é o status dessa afirmação? Ela não é feita em caráter lógico-metafísico, isto é, sobre o tópico de a matéria ser e poder ser sem a forma. Ela é feita em termos físico-metafísicos, ou seja, sobre como matéria e forma constituem a realidade natural. Pode-se interpretar a Proposição 6 como um breve debate *sobre como a matéria existe na realidade espaço-temporal*, não sobre o que a matéria prima é. Isso se depreende da primeira prova aduzida para a resposta. Nela, Frei Gaspar afirma que não há “nenhum fundamento [*fundamentum*], nenhuma experiência

⁹² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 6, p. 17.

[*experientia*] e nenhuma autoridade [*auctoritas*]” da Escritura para a tese de que a matéria tenha existido alguma vez sem a forma. Cada um dos aspectos negados parece sugerir um diferente nível de prova: (i) um princípio de razão (autoevidente), (ii) uma evidência empírica e (iii) um argumento de autoridade.⁹³

Antes, Frei Gaspar é veemente em dizer que há “um fundamento prudente”, em três níveis, para a tese de que desde sempre houve no mundo só matéria existente com forma: (a) “o consenso comum dos filósofos”; (b) “o discurso explícito [*prologus*] do vulgo” ou “geral”, a saber, de que a “geração” de algo traz consigo a “expulsão” de outro algo, ou seja, quando há mudança há forma que entra e forma que sai (expressão do autor); (c) finalmente, a “experiência” é invocada para afirmar que “vemos que jamais uma forma é expelida sem que outra [forma] seja introduzida”.⁹⁴ Frei Gaspar elabora dois argumentos em prol da tese de que a matéria teria existido alguma vez sem a forma. Seja, aqui, focado só o primeiro. Ele especula sobre o relato da criação em Gênesis 1,2, em que “a terra era informe [*inanis*] e vazia [*vacua*]”.⁹⁵ Na criação da realidade natural, portanto, teria existido matéria sem forma substancial qualquer.⁹⁶

A réplica de Frei Gaspar é simples. Não se segue do texto bíblico a conclusão sobre (alguma) matéria existir sem forma (alguma). Antes, Gn 1,2 confirma a tese do mestre beneditino. Assumindo-se ter se dado “terra” na criação do mundo, então “a matéria já era in-formada pela forma da terra”. O adjetivo “*inanis*” em “terra *inanis*” poderia ter causado a confusão em leitores. Em latim, “*inanis*” significa “vazio”, “oco” ou “vão”.⁹⁷ Em Gn 1,2, ele deve denotar que a terra “carecia de ervas, plantas e outros adornos”, mas não de “forma”.⁹⁸ Pode-se dizer que, para Frei Gaspar, a criação já sempre foi de coisas compostas de matéria-e-forma, e com isso a sua tese físico-metafísica fica em uníssono com Gn 1,2. A leitura com interesse filosófico de Gn 1,2 pode ter sido influenciada por Basílio Magno (330–379 d.C.), citado alhures como autoridade na *Filosofia natural*.⁹⁹ Ao dizer que Basílio “chama de distorcedores [*depravatores*] da Escritura os que [a] entendem no sentido dos adversários”, fica implícito que a interpretação físico-metafísica de Gn 1,2

⁹³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 6, p. 17-18.

⁹⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 6, p. 18.

⁹⁵ Gn 1.1-2 (Vulgata): “In principio creavit Deus caelum et terram. Terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi: et spiritus Dei ferebatur super aquas”.

⁹⁶ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 6, p. 18.

⁹⁷ O texto grego da *Septuaginta* contém “aoratos”, que, ao qualificar “a terra” (*hē gē*), traz o texto para ainda mais perto da ideia de “sem-forma”, dado que significa “não-visto” ou “não-visível” – por derivação, “não-percebido” ou “não-perceptível”. A expressão, assim, conota o sentido filosófico de “informe” ou “sem determinação” para poder ser conhecido.

⁹⁸ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 6, p. 18.

⁹⁹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 3, prop. 5, q. 2, p. 68. Cf. BASILIUS VON CAESAREA, *Homilien zum Hexaemeron*, 1997.

– como não implicando a tese de alguma vez ter havido no mundo matéria sem forma – fora antes subscrita pelo bispo capadócio.¹⁰⁰

Na Proposição 7 do Capítulo 2 do Livro I, “Se a matéria pode existir sem a forma?”,¹⁰¹ consegue-se não só endossar a hipótese de que, nas Proposições 5, 6, e 7, Frei Gaspar consolida a sua posição sobre o que a matéria é, mas também perceber que a sequência de enfoques pode assim resumir-se: (a) um exame da natureza da matéria (do que a matéria *é*), (b) um exame de *como* a matéria *existe* e (c) um exame acerca de *como* a matéria *pode* existir (ou: *do que é possível* com respeito a ela). Esse último exame é o que, em três atos, vem a ser exposto na Proposição 7. No primeiro ato, Frei Gaspar defende a tese de que “pelo poder divino a matéria pode existir sem a forma”. Ora, se a onipotência divina é um poder causal para fazer tudo o que pode ser feito, a tese pressupõe que (i) no existir da matéria sem a forma não há “nenhuma contradição” e que (ii) “a matéria não existe pela existência da forma”¹⁰² (sustentado na Proposição 5).

No segundo ato, Frei Gaspar defende a tese de que “a matéria não pode existir naturalmente, a saber, por força de um agente natural, sem qualquer forma”. Esse exame de possibilidade é uma sequela físico-metafísica do que se concluíra na Proposição 6. No terceiro ato, ele elabora uma tese sobre o poder subsistir, de si, da matéria a partir da hipótese de uma intervenção na causação eficiente de nova forma na natureza: “Se for destruída a forma antiga e por um milagre uma nova forma for impedida, não é necessário um milagre para conservar a matéria, porque, em tal caso, sem milagre ela há de subsistir [ou: sobreviver, sobressair, *extitura est*]”.¹⁰³ A premissa forte para a tese sobre o subsistir de si da matéria retorna a um tema da Proposição 6: não há “nenhum fundamento sólido” para a afirmação de que “a matéria de tal maneira dependa da forma que postule perecer e não se conservar naturalmente, em sendo subtraída a forma”.¹⁰⁴

Considerações finais

Por ora, não se pode devolver a palavra aos tomistas para contestações. Faltam também subsídios para comparar as posições de Frei Gaspar da Madre de Deus sobre a matéria prima com as de seus mestres antecessores no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – como, por exemplo, Frei Mateus da Encarnação Pina (1687–1764) ou Frei Antônio de São Bernardo

¹⁰⁰ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 6, p. 18.

¹⁰¹ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 7, p. 19-21.

¹⁰² GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 7, p. 19.

¹⁰³ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 7, p. 19.

¹⁰⁴ GASPAR A MATRE DEI, *Philosophia platonica* [Physica], l. 1, c. 2, prop. 7, p. 20.

(1703–1774). A *Filosofia da natureza* de Frei Gaspar contém uma clara dicotomia entre a abordagem metafísica e a abordagem física dos conceitos-chave da filosofia da natureza, como, por exemplo, matéria prima e forma. Por um lado, o novo pensamento sobre a matéria em termos metafísicos – em tese, ainda mantido por Frei Gaspar, apesar das muitas ressalvas quanto a seu alcance – restaura diversas teses não-tomistas sobre o status da matéria como algo que tem ser de essência e, assim, em alguma medida tem existir próprio e de si. Nisso, a divergência com o tomismo é incontornável. Por outro lado, esse novo pensamento é condicionado e mesmo restringido em seu impacto por teses físicas sobre a matéria, que, com a teoria gassendiana do átomo, testam a ideia mesma da matéria como substrato realmente distinto da forma. Nos dois lados, qualquer juramento a Tomás de Aquino ou foi negado ou foi esquecido. Está-se longe de ter entendido a conexão entre a filosofia natural de matéria-e-forma e a lógica-metafísica de (novas) ideias “platônicas” de Frei Gaspar – o próximo passo, sem hesitação, terá de ser o estudo da metafísica e da física das formas.

Referências

- AGUSTÍN. *Confesiones*. In: *Obras de San Agustín*. Texto bilingüe. Edición crítica y anotada por el Padre Angel Custodio VEGA O.S.A. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, t. 2, 1963.
- AERTSEN, Jan A.; EMERY, Jr., Kent; SPEER, Andreas (Hrsg.). *Nach der Verurteilung von 1277. Philosophie und Theologie an der Universität von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts. Studien und Texte – Miscellanea Mediaevalia* 28. Berlin – New York; Walter de Gruyter, 2001.
- ÅKERLUND, Erik. Suárez, Francisco – Theory of Prime Matter. In: CARVALHO, Mário Santiago de and GUIDI, Simone (eds.). *Conimbricenses.org Encyclopedia*. Disponível in: <http://www.conimbricenses.org/encyclopedia/suarezs-theory-of-prime-matter/>; doi: 10.5281/zenodo.3521061. Última revisão em 26.10.2019. Último acesso em 05.02.2026.
- ÅKERLUND, Erik. Pedro Hurtado de Mendoza (1578–1641) on Matter. In: *Aristotelica* 7 (2025), p. 41-60.
- ARISTOTELES. *Metaphysik*. Zweiter Halbband (Bücher VII-XIV). Mit Einleitung und Kommentar herausgegeben von Horst SEIDL. Griechisch-Deutsch. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1991.
- ARISTOTELES. *Physik – Vorlesung über Natur*. Erster Halbband: Bücher I (A)-IV(D). Übersetzt, mit einer Einleitung und mit Anmerkungen herausgegeben von Hans Günter ZEKL. Griechisch-Deutsch. Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1987.
- BALDNER, Steven. Thomas Aquinas on Celestial Matter. In: *The Thomist* 68:3 (2004), p. 431-467.
- BASILIIUS VON CAESAREA. *Homilien zum Hexaemeron*. Herausgegeben von Emmanuel AMAND DE MENDIETA und Stig Y. RUDBERG. Berlin: Akademie Verlag, 1997.

BORGO, Marta. Early Aquinas on Matter. Notes on the Reception of the Aristotelian Corpus in the 13th Century. In: *Tópicos* (México) 45 (dic. 2013), p. 1-22.

BORIN, Guilherme Henrique. *Os elementos do discurso em Frei Gaspar da Madre de Deus: uma lógica aristotélica na Philosophia Platonica*. Uberaba: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025, 135p.

BORMANN, C. v.; FRANZEN, W.; KRAPIEC, A.; OEING-HANHOFF, L. Form und Materie (Stoff). In: RITTER, Joachim (Hrsg.). *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Basel – Stuttgart, Schwabe & Co., Band 2, 1972, col. 977-1030.

BROWER, Jeffrey E. Matter, Form, and Individuation. In: DAVIES, Brian and STUMP, Eleonore (eds.). *The Oxford Handbook of Aquinas*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 85-103.

BRUNDELL, Barry. *Pierre Gassendi: From Aristotelianism to a New Natural Philosophy*. Dordrecht: Reidel, 1987.

CAPRIATI, Giuseppe. *Quid est causa?* The Debate on the Definition of ‘Cause’ in Early Jesuit Scholasticism. In: *Vivarium* 58:1-2 (2020), p. 111-139.

CENAL, Ramón. Emmanuel Maignan: su vida, su obra, su influencia. In: *Revista de Estudios Políticos* 66 (1952), p. 111-149.

CENAL, Ramón. La filosofía de Emmanuel Maignan. In: *Revista de Filosofía* 13:48 (1954), p. 15-68.

CROSS, Richard. *The Physics of Duns Scotus. The Scientific Context of a Theological Vision*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

DAVIES, Brian. *The Thought of Thomas Aquinas*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil – Legados e perspectivas. Ensaios metafísicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FINK, Jakob Leth (ed.). *Suárez on Aristotelian Causality*. Leiden – Boston: Brill, 2015.

FLINT, Thomas P. *Divine Providence: The Molinist Account*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1998.

FREDDOSO, Alfred J. Introduction. In: LUIS DE MOLINA. *On Divine Foreknowledge: Part IV of the ‘Concordia’*. Translated by Alfred J. Freddoso. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1988, p. 1-81.

GARBER, Daniel. Descartes’s Physics. In: COTTINGHAM, John (ed.). *The Cambridge Companion to Descartes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992 (repr. 1999), p. 286-334.

GASPAR A MATRE DEI. *Philosophia platonica seu cursus philosophicus, rationalem, naturalem, et transnaturalem philosophiam sive logicam, physicam et metaphysicam complectens*. Fluvius Januariensis, 1748 (manuscrito, acervo da Biblioteca do Mosteiro de São Bento em São Paulo, Brasil).

HAPP, Heinz. *Hyle – Studien zum aristotelischen Materie-Begriff*. Berlin – New York, Walter de Gruyter, 1971.

HÖFFE, Otfried. *Aristoteles*. München: Verlag C. H. Beck, ³2006.

- HUGON O.P., Édouard. *Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino. As vinte e quatro teses fundamentais*. Tradução de D. Odilão Moura O.S.B. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- IOANNES DUNS SCOTUS. *Opera omnia XIX. Lectura in librum secundum sententiarum: a distinctione septima ad quadragessimam quartam*. Civitas Vaticana: Typis Polyglottis Vaticanis, 1993.
- JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*. Petrópolis – São Paulo: Vozes – Faculdades Salesianas, Vol. 1, 1997.
- KÖNIG-PRALONG, Catherine. Form and Matter. In: LAGERLUND, Henrik (ed.). *Encyclopedia of Medieval Philosophy. Philosophy between 500 and 1500*. Dordrecht – Heidelberg – London – New York: Springer, Vol. 1, 2011, p. 356-361.
- LANG, David P. The Thomistic Doctrine of Prime Matter. In: *Laval théologique et philosophique* 54:2 (1998), p. 367-385.
- LEINSLE, U. G. Scholastik der Neuzeit bis zur Aufklärung. In: CORETH, E.; NEIDL, W. M.; PFLIGERSDORFFER, G. (Hrsg.). *Christliche Philosophie im katholischen Denken des 19. und 20. Jahrhunderts – Band 2: Rückgriff auf scholastisches Erbe*. Graz – Wien – Köln: Verlag Styria, 1988, p. 54-69.
- LÉRTORA MENDOZA, Celina Ana. *Fuentes para el estudio de las ciencias exactas en Colombia*. Bogotá, D.C.: Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1995.
- LEWIS, Frank A. Form and Matter. In: ANAGNOSTOPOULOS, Georgios (ed.). *A Companion to Aristotle*. Malden – Oxford – Chichester: Wiley, 2009, p. 162-185.
- LITT, Thomas. *Les corps célestes dans l'univers de saint Thomas d'Aquin*. Louvain – Paris: Publications Universitaires, 1963.
- MARGUTTI, Paulo. *História da filosofia do Brasil – O período colonial (1500-1822)*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- MARQUES, Lúcio Álvaro. *Formas da filosofia brasileira. 12 aportes metodológicos à historiografia, metalinguagem e autocrítica da filosofia brasileira*. Cachoeirinha: Editora FI, 2023.
- MATTOS, Carlos Lopes de. Frei Gaspar da Madre de Deus. In: *Revista Brasileira de Filosofia* 20:78 (1970), p. 222-225.
- MATTOS, Carlos Lopes de. Trechos de Frei Gaspar da Madre de Deus. In: *Revista Brasileira de Filosofia* 22:85 (1972), p. 70-86.
- PETRUS GASSENDI. *Opera omnia*. Lugduni: Sumptibus Laurentii Anisson, et Ioan. Bapt. Devenet, Tomus Primus, quo continentur Syntagmatis Philosophici Pars Prima (Logica) et Pars Secunda (Physica), 1658. (Faksimile-Neudruck der Ausgabe von Lyon 1658 in 6 Bänden, mit einer Einleitung von Tulio Gregory. Stuttgart – Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, Band 1, 1994).
- PICH, Roberto Hofmeister. Sobre o *Cursus philosophicus* de Frei Gaspar da Madre de Deus – Descrição de manuscritos inéditos (1). In: *Thaumazein* 15:30 (2022), p. 93-118.
- PICH, Roberto Hofmeister. Frei Gaspar da Madre de Deus e a *Philosophia Platonica* – Um estudo introdutório. In: *Classica Boliviana* XII (2023), p. 425-493.
- PICH, Roberto Hofmeister. Philosophy of Nature and the Principles of Natural Being. Characterizing (Old) New Traditions in Latin American Scholasticism. In:

- BRINZEI, Monica; CAIAZZO, Irene; GRELLARD, Christophe; ROBERT, Aurélien (eds.). *Radical Thinking in Middle Ages*. Acts of the XVth. International Congress of the SIEPM, Paris, 21-26 August, 2022. Turnhout: Brepols, Vol. II, 2025, p. 1039-1060.
- PICH, Roberto Hofmeister. Sobre o *Cursus philosophicus* de Frei Gaspar da Madre de Deus – Descrição de manuscritos inéditos (2). In: *Thaumazein* 18:36 (2025), p. 161-185.
- PICH, Roberto Hofmeister. Frei Gaspar da Madre de Deus sobre a matéria prima. 2026 [no prelo].
- PLATON. *Timaios*. In: *Sämtliche Werke*. Nach der Übersetzung Friedrich Schleiermachers, ergänzt durch Übersetzungen von Frank Susemihl und anderen. Herausgegeben von Karlheinz HÜLSER. Griechisch-Deutsch. Frankfurt am Main – Leipzig: Insel Verlag, 1991, p. 197-425.
- PLOTIN. *II 4 – Die beiden Materien*. In: *Plotins Schriften – Band I: Die Schriften 1-21 der chronologischen Reihenfolge a (Text und Übersetzung)*. Übersetzt von Richard Harder. Neubearbeitung mit griechischem Lesetext und Anmerkungen. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1956.
- ROCHOT, Bernard. *Les travaux de Gassendi sur Épicure et sur l'atomisme, 1619-1658*. Paris: Vrin, 1944.
- SANTOS, Evaniel Brás dos. Matéria. In: SAVIAN FILHO, Juvenal e NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do (orgs.). *Tomás de Aquino – Chaves de leitura*. São Paulo: Paulinas, 2024, p. 269-273
- TOMÁS DE AQUINO. *O ente e a essência / De ente et essentia*. Edição bilingüe. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica – Volume 2: Parte I – Questões 44-119*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- TRENTMAN, J. A. Scholasticism in the Seventeenth Century. In: KRETZMANN, N.; KENNY, A.; PINBORG, J. (eds.). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism 1100-1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 818-837.
- TRIFOGLI, Cecilia. Duns Scotus on Matter and Form. In: PINI, Giorgio (ed.). *Interpreting Duns Scotus: Critical Essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022, 149-166.
- WARD, Thomas M. *John Duns Scotus on Parts, Wholes, and Hylomorphism*. Leiden: Brill, 2014.
- WIELAND, Wolfgang. *Die aristotelische Physik. Untersuchungen über die Grundlagen der Naturwissenschaften und der sprachlichen Bedingungen der Prinzipienforschung bei Aristoteles*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.
- WIPPEL, John F. Metaphysics. In: KRETZMANN, Norman and STUMP, Eleonore (eds.). *The Cambridge Companion to Aquinas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993 (repr. 1997), p. 85-127.
- ZIMMERMANN, Albert (Hrsg.). *Die Auseinandersetzungen an der Pariser Universität im XIII. Jahrhundert – Miscellanea Mediaevalia 10*. Berlin – New York: Walter de Gruyter, 1976.